

NOS LIMITES DO (IM)POSSÍVEL: LITERATURA, REAL E (RE)PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Marilda Aparecida Lachovski ¹

CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO
*Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.*
(Carlos Drummond de Andrade)

Medo. Substantivo que nos atravessa, que nos desconforta e nos constitui, desde o nascimento. É o medo que nos impulsiona a seguir, a enfrentar o desconhecido. É a voz da sabedoria, que ressoa pelas orientações e admoestações do Velho do Restelo, por exemplo, que instaura a provocação e o desejo de se chegar ao destino, mesmo que por mares nunca antes navegados. Foi o medo, tanto na viagem de ida quanto de retorno que conduziu os heróis em suas buscas no submundo, enfrentando não só esse mesmo como obstáculo, mas como fonte de inspiração, força. É Ulisses, em suas muitas andanças. Significante atravessado e constituído, na língua, pela história. No desdobramento dos sentidos possíveis, instaura-se o plural. Temos medos.

O poema, escrito em 1940 e que está na obra *O sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, versa em sua composição não só sobre o medo do amor não correspondido, e que marcaria uma ruptura com o período literário anterior brasileiro, mas outras formas de medo. É preciso lembrar, iniciando uma relação entre descrição e interpretação (Orlandi, 2001), que sua publicação está inscrita em tempos de guerra. A segunda guerra mundial, o grande evento histórico do século. A guerra, neste sentido, como acontecimento histórico, inclui uma coletividade - e o medo, nela e por ela instituído, é parte de uma mesma condição - a insegurança, a não compreensão do mal e de sua irredutível tragicidade.

Como *sentimento do mundo*, o medo torna-se material, imediato, constante e coletivo. Se, inicialmente, coloca-se em suspenso todas as demais formas de sentir - Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos -, primeiro e segundo versos, na sequência, a voz do eu-lírico é a voz não só dos civis, mas também dos artistas - é a impossibilidade da escrita, de dar conta do

¹ Doutora em Letras pela UFSM - Santa Maria. Estágio pós-doutoral em andamento, sob supervisão de Maria Cleci Venturini, pela Unicentro -PR.

real. A visada modernista, em sua renovação desejada se esvai no desdobramento de um presente que se faz em cacos, instaurando furos no encontro do possível e impossível dizer.

O medo, como constitutivo do real, significa como um indício de discursividade, que na e pela língua, funciona como um “real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (Pêcheux, 2014, p. 43). É preciso

Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como o universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos. . .), “há real”, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser “assim”* (O real é o impossível. . . que seja de outro modo) (Pêcheux, 2012, p. 29).

Se não há real, no sentido de concretude dessa possibilidade, busca-se um real como simbólico que, recoberto por um “conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas” (Pêcheux, 2012, p. 32), apaga ou tenta apagar o equívoco, a falha, o vazio. É efeito de evidência que, face à existência de um real, já o produz como homogêneo, como uno e indiviso - “logicamente estabilizado”, ou seja, é segundo Pêcheux um “espaço discursivo”, nos quais:

supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal que este universo é tomado discursivamente nesses espaços) (PÊCHEUX, 2012, p. 31).

Nessa perspectiva, se dá a divisão entre o particular e o universal, Pêcheux (2014, p. 159) retomando essa a relação em *Semântica e Discurso*, e na sua releitura de Althusser, propondo algumas formulações que permeiam esse jogo de evidências, dentre às quais ele se refere ao “retorno do Universal no sujeito”; a interioridade; e a exterioridade, ligada a “universalidade implícita de toda ‘situação humana’”. Entendemos por esse viés, a relação necessária e constitutiva entre o universal e o singular, que por sua vez, é para Pêcheux (2014) um “engodo”, na medida em que sinaliza para “o mito idealista da interioridade”, produzindo por esse efeito, uma definição de “universal como singular insubstituível”, poderíamos dizer que é aquilo que toca, que significa e se significa para e no discurso, na relação entre o sujeito, a história e os sentidos.

O real, na sua impossibilidade de ser um produto, mas sim de funcionar como um “registro discursivo” (Pêcheux, 2012), produz uma simulação, presentificando uma existência partilhada, na e sobre a qual atua a ilusória estabilização de sentidos e com isso produzindo o efeito de garantia de domínio sobre o real, sobre *o que é e o que poderia ser*, bem como torna evidente a noção de que o objeto do qual se trata *só não pode não ser assim*. Nesse jogo, produz-se a relação de sua determinação e do que não está inscrito nele, como prática social, como historicidade, uma simulação constitutiva de sentidos e de sujeitos e que põe em seu funcionamento um efeito de transparência, de completude, atestando para a existência de

um sujeito ideal, “mestre de suas palavras”, como afirma Haroche (1992), e para uma língua ideal, que tudo compreende, que tudo estabiliza; e que por isso é materializada em discurso como completo e transparente, se assim o fosse, apagando as diferenças, a falha e a falta.

Assim, a morte e a insegurança colocam os sujeitos inscritos nesse cenário de guerra, sempre em estado de alerta, e por ou outro lado impõe pelo seu funcionamento a solidão como necessária na busca pela sobrevivência, reproduzindo o medo como aquilo que não se define, logo, como um registro discursivo daquilo que só se nomeia assim, porque não há outro modo de ser. Parte do indizível, uma simulação de sentidos. É, portanto, nesse confronto, entre o particular e o universal, entre o real da língua e da história, que o medo, nas condições de produção da guerra, aquela guerra como “o evento do século”, e o presente se entrelaçam, desdobram-se sentidos, e tempos. Assim, o dizível, é sempre “relação”, rompendo com o estabilizado, pois:

[...] Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para os dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (Orlandi, 2012, p. 39).

Língua e inconsciente, nessa perspectiva estão entrelaçados e por essa relação a língua se faz na mesma possibilidade de ser una e indivisível, sendo concebida na sua constituição fundante, como “impossível de dizer, impossível de não dizer de uma determinada maneira” (Milner, 2012, p. 27). Como significante, o medo, esvai-se em suas muitas possibilidades de significação, estruturando antes e agora, uma história coletiva, uma memória que se atualiza e que faz ressoar o passado, presentificado, mesmo não muito distante temporalmente.

O *congresso internacional do medo*, saindo da materialidade poética drummondiana, se refaz. É reproduzido na e pela mídia, reforçando os modos de dominação, de ódio. Não adentramos aqui nas condições atuais da guerra em andamento, é preciso talvez um tempo para que possamos maturar as ideias e as possibilidades de dizer e não dizer, mas nos dedicamos a refletir, mesmo que rapidamente, sobre os limites que constituem os sentidos acerca do medo nessas condições. Sendo assim, segundo Souza, Daróz e Garcia (2019, p. 124),

existe na língua uma instância de indizível que a palavra tenta conter, mas fracassa; tenta preencher, mas não consegue acertar em cheio, isto é, uma condição de inatingível que é própria de todo dizer, um impossível que com sucesso se mantém como tal mesmo depois do dito: o real da própria língua.

Neste sentido, numa tentativa de contorno possível, se a poesia modernista tinha como objetivo romper com os padrões, instaurando uma nova forma de escrita, sem parâmetros pré-estabelecidos, sem limitações formais ou temáticas, é próprio dela, no que tange à sua definição enquanto tal, o deslize de sentidos, os furos no dizer. Nos furos, na e pela incompletude da língua, pela sua impossibilidade de tudo significar, a

“liberdade poética”, como efeito de domínio dos sentidos se choca com “um traço inatingível”, e que permite assim, “o voo dos sentidos” (Souza; Daróz; Garcia, 2019, p. 125).

Nesse voo de sentidos apontado pelas autoras, o congresso internacional do medo se refaz, no batimento do passado e presente. Permanece o medo dos soldados, dos ditadores e dos democratas, ressoando os modos de controle que sustentam o Aparelho Ideológico de Estado, pelas vias da repressão, contenção e violência. A morte, sob um efeito de finitude, atravessa o sujeito em sua não existência e mesmo depois dela, ainda teremos medo.

A poesia drummondiana, mesmo sendo metodologicamente inscrita no período modernista que se encerraria nessa divisão, em 1945 - não sendo aleatório seu limite junto ao fim da Segunda Guerra Mundial - poderia bem ser contemporânea, parte de um presente no qual as palavras ainda faltam, em que não se pode ainda nomear, descrever ou significar determinados eventos e suas consequências. É nesse engendramento do possível/impossível de dizer que desejamos que não se cumpram as assertivas do poeta em seus últimos versos - que num futuro, e que seja daqui a muito tempo, as flores sobre nossos túmulos possam até ser amarelas, mas que não sejam medrosas...

REFERÊNCIAS

- HAROCHE, Claudine. **Fazer Dizer, Querer Dizer**. Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.
- MILNER, J. C. **O amor da língua**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2012.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**. São Paulo: Pontes. 2001.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- SOUZA, Lucília Maria Abrahão; DARÓZ Elaine Pereira; GARCIA Dantielli Assumpção. De luz em luz, a poesia é desenhada. **RUA** [online], v. 5, n. 1, p. 121-135, jun. 2019. e-ISSN 2179-9911. Disponível em: Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>.